

Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro



Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Supremo Tribunal Federal
Registro nº 25/99, de 22/04/1999
DJU nº 72, de 16/04/1999, p.1

Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Superior Tribunal de Justiça
Registro nº 37 – Portaria nº 1, de 26/10/1998
DJU de 05/11/1998, p.137 - Registro retificado
Portaria nº 9, de 14/06/1999 – DJ 22/06/1999

Fragmentos de um estudo sobre a filosofia da música

Adolfo Borges Filho*

Sumário

1. Introdução. A música como linguagem eloquente do espírito. 2. Alguns escritos antigos sobre a história e a filosofia da música. 3. Dando voz ao *sentimento* para dizer mais sobre música. 4. Conclusão: *acordes finais* de Fernando Pessoa.

Resumo

O propósito principal deste artigo é mostrar a importância filosófica da música no mundo em que vivemos.

Abstract

The main purpose of this article is to show the philosophical importance of music in the world we live in.

Palavras-chave: Música. Filosofia. História. Linguagem musical. Sentimento.

Keywords: *Music. Philosophy. History. Musical language. Feeling.*

1. Introdução. A música como linguagem eloquente do espírito

O silêncio pode ser rompido pelo som melodioso de uma canção romântica ou de uma música clássica e, dependendo da receptividade sensual do ouvinte, faz com que ele desvie sua atenção de afazeres rotineiros e mergulhe no imaginário, lembrando cenas do passado ou criando mesmo um *script* adequado àquela melodia que está lhe chegando aos ouvidos. A pessoa pode se achar num determinado ambiente quando a música começou a ser difundida, ou pode ter reservado um tempo para deleite pessoal, desfrutando de peças musicais escolhidas. Enfim, os enredos criados podem ser os mesmos, independentemente do ambiente onde o som se originou.

* Pós-graduado em Filosofia pela UCB. Procurador de Justiça do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro inativo. Vice-Diretor da Revista de Direito do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor de Direito da PUC-RIO.

A meu juízo, a ligação que se forma entre o ouvinte e a melodia tem, como alimento, a *sensibilidade*. E, dependendo do grau de sensibilidade da pessoa, esse sentimento pode provocar uma espécie de êxtase, capaz de elevá-la a um patamar onírico, mesmo em estado de vigília. E, quando várias pessoas se reúnem para um concerto, independentemente da temática imanente a uma determinada música, é possível que cada mente esteja, durante a execução da obra, voltada para um enredo totalmente seu, desfrutando a sua emoção secretamente, num mundo à parte, totalmente inexpugnável. Mas é provável, também, que em determinados rituais essa individualidade se desconstrua, cedendo lugar a um sentimento coletivo único. O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, no seu precioso livro *O desaparecimento dos rituais. Uma topologia do presente*, assevera que:

Nas ações rituais, sentimentos também participam. Mas seu sujeito não é o indivíduo isolado para si. No ritual do luto, este constitui um sentimento objetivo, um sentimento coletivo. É impessoal. Sentimentos coletivos não têm nada a ver com a psicologia individual. No ritual do luto, a comunidade é o sujeito autêntico do luto. A sociedade abate-o ela mesma em face da experiência da perda. Esse sentimento coletivo solidifica comunidade. (Han 2021: 25)

Lembro-me da prematura e brutal morte de Ailton Sena e da música que, ao ser tocada em sua homenagem, repercute, até os dias de hoje, no coração de todos os que o conheceram e que vibraram com as suas vitórias nas corridas de fórmula 1. Na verdade, a música se tornou um hino de lembrança eterna, relacionado, exclusivamente à pessoa do atleta vencedor. Pode-se dizer que a emissora de televisão, responsável pelas transmissões de corridas automobilísticas na modalidade supracitada, criou um *réquiem* resumido para um campeão brasileiro.

No âmbito internacional, Susan Cain, no livro *O lado doce da melancolia (Bittersweet)*, descreve uma cena real, ocorrida no dia 28 de maio de 1992, na sitiada cidade de Sarajevo. No prelúdio da obra, intitulado *O violinista de Sarajevo*, a escritora norte-americana descreve a ação humanitária e solidária de um músico local, homenageando as vítimas inocentes de um sanguinário bombardeio:

Smailovic inspirará outros músicos a tomarem as ruas com seus próprios instrumentos. Eles não tocam marchas militares para encorajar as tropas contra os franco-atiradores, nem canções populares para dar ânimo ao povo. Tocam Albinoni (*Adágio em Sol Menor*). Os destruidores atacam com armas e bombas, e os músicos respondem com a canção mais triste que conhecem. (Cain 2022: 14/15)

2. Alguns escritos antigos sobre a história e a filosofia da música

O que se pode dizer, de pronto, é que a música existe desde que o ser-humano habita o planeta, começando a emitir sons guturais e propiciando, de maneira paulatina, o surgimento das incontáveis línguas existentes. À guisa de um breve resumo e, ao mesmo tempo, de um guia para o leitor ávido em conhecer, ainda que de modo sucinto, as raízes histórico-filosóficas da música, destacamos, nas linhas que seguem, trechos de escritos antigos – começando pelos gregos – que já tentavam definir esse conjunto de sons que, uma vez combinados e sequenciados, acabaram criando a *harmonia musical*. Pomos, em realce, nas linhas que seguem, filósofos que adentraram o terreno da música em busca de sua conceituação.

Aristóteles:

A música é perseguida, não apenas como um alívio da labuta passada, mas também por proporcionar lazer. E quem pode dizer se, tendo este uso, ela não pode ter um nobre também [...] O ritmo e a melodia fornecem imitações de raiva e bondade, e também de coragem e temperança, de todos os seus opostos e de outras qualidades morais, que dificilmente ficam aquém dos afetos reais, como sabemos por experiência própria, já que ao escutar tais tensões nossas almas sofrem uma mudança [...] O homem já foi dito para mostrar que a música tem o poder de formar o caráter e, por isso, deve ser introduzida na educação do jovem. (*A Política*, livro VIII, parte 5)

Platão:

Várias vezes, no curso da minha vida, fui visitado por um mesmo sonho; não era através da mesma visão que ele sempre se manifestava, mas o que me dizia era invariável: “Sócrates”. Dizia-me ele, “deves esforçar-se para compor música”. E, palavra! Sempre entendi que o sonho me exortava e me incitava a fazer o que justamente em minha vida passada. Assim como se animam corredores, também, pensava eu, o sonho está a incitar-me para que eu persevere na minha ação, que é compor música: haverá, com efeito, mais alta música do que a filosofia, e não é justamente o que eu faço? (*Fédon*, 60e-61ª)

Como bem salientado pela Professora Lia Tomás, na sua obra *Música e Filosofia – estética musical*:

É nesta perspectiva da música conceitual que se introduz a segunda citação de Platão no diálogo *Fédon*. Neste fragmento, Sócrates relata um sonho recorrente no qual lhe era solicitado um esforço em direção à composição musical. Depois de muito refletir sobre uma possível interpretação, ele conclui que sua atividade como filósofo era equivalente ao que o sonho lhe solicitava, ou seja, que ele compusesse música. (Tomás 2005:23)

E, como bem sintetizado pelo músico e professor André Balboni, na obra *Sopro das Musas – Fundamentos filosóficos da música* (Balboni 2018: 172):

Na filosofia platônica, a harmonia musical é símbolo da harmonia cósmica e auxilia na harmonização da alma, a melodia é símbolo do discurso (*logos*), e o ritmo musical é símbolo do ritmo imanente da natureza, provendo estabilidade ao organismo. Em Aristóteles, a música serve à educação e à purificação emocional, sendo que esta última foi reconhecida também como terapêutica pelos pitagóricos e neoplatônicos. Esses são os conjuntos de práticas éticas e estéticas que também participam da formação do filósofo.

Santo Agostinho

O filósofo católico escreveu uma obra intitulada *Sobre a música*, composta de seis livros. Segundo ele, *A música é a ciência do bem medir*. Comentando essa definição, Lia Tomás afirma que:

Na citação de Santo Agostinho (*De Música, L.I, II,2*), a expressão “bem medir” está associada ao conceito de belo, que por sua vez devia coincidir com o bom, com o verdadeiro e com todos os outros atributos do ser e da divindade. A beleza, no entanto, não fica apartada da relação com a ciência, porque Santo Agostinho compreendia a beleza como uma qualidade objetiva que podia ser mensurada. (*Op.cit.*:35)

E, no seu famoso compêndio *Confissões*, o eminente filósofo sustenta que:

Os prazeres do ouvido prendem-se e subjugam-me com mais tenacidade. Mas Vós me desligastes deles, libertando-me. Confesso que ainda agora encontro algum descanso nos cânticos que as

Vossas palavras vivificam, quando são entoadas com suavidade e arte. Não digo que fique preso por eles. Mas custa-me deixá-los quando quero (...) (Livro X, 33)

Em um gigantesco salto para os dias de hoje, trazemos à colação excerto do livro *A música desperta o tempo*, do prodigioso maestro e pianista argentino, de origem judaica, Daniel Barenboim, que, a meu juízo, enfeixa as características básicas que alimentam o conceito histórico-filosófico da música:

O poder da música reside em sua capacidade de se comunicar com todos os aspectos do ser humano – o animal, o emocional, o intelectual e o espiritual. Com muita frequência, pensamos que as questões pessoais, sociais e políticas são independentes, sem influir umas nas outras. Pela música, aprendemos que essa é uma impossibilidade objetiva; simplesmente não existem elementos independentes. O pensamento lógico e as emoções intuitivas devem estar constantemente unidos. A música nos ensina, em resumo, que tudo está ligado. (Barenboim 2009: 125)

3. Dando voz ao sentimento para dizer mais sobre música

Filosoficamente falando, a música é um fenômeno que se externaliza por meio de matéria prima impalpável, que se denomina “som”. E a sonoridade não se traduz em alfabetos diversos como acontece com as línguas. O som é codificado em símbolos universais que se denominam “notas”. Nessa linguagem específica, entram em cena as claves de sol, de fá e de dó, bem como sinais de pontuação temporal, como as pausas, as ligaduras e outros caracteres que marcam a divisão de compassos e de frases musicais. O estudo da música é complexo e fascinante, possuindo a imensa vantagem de trazer consigo a universalidade de sua compreensão; ou seja, em qualquer parte do planeta uma partitura de Bach, por exemplo, pode ser lida e interpretada por qualquer solista ou orquestra. E mais: a permanência de qualquer música no universo humano pode ser *ad aeternum*, graças à possibilidade de sua repetição em palcos, protagonizada por cantores, bandas ou orquestras.

E, há muito tempo, a humanidade tem ao seu dispor meios de gravação como, *v.g.*, os famosos discos de vinil que, nos dias de hoje, voltaram a fazer parte do acervo fonográfico de muitos amantes da música, trazendo novamente à cena a quase esquecida vitrola. Os atualíssimos meios de reprodução musical praticamente eliminaram do mundo físico o que eu denominaria *elo intermediário* ou substituto do disco de vinil, constituído pelos CDs. Temos uma enorme variedade de aplicativos na *Internet* que traz para nossos lares concertos, shows e composições musicais de estilos e épocas variadas.

Os mais apaixonados pela música, principalmente na seara do repertório clássico, preferem assistir ao vivo concertos das grandes orquestras sinfônicas espalhadas pelo mundo. Como bem destacado pelo professor André Balboni:

Em alguma medida, qualquer música tem seu fundamento na estética, na ética e no afeto que provoca no ouvinte. Todos os compositores que integram o panteão da música de concerto, como Sainte-Colombe, Bach, Vivaldi, Haydn, Mozart, Beethoven, Ravel, Debussy, Strauss, Villa Lobos e muitos outros, imprimiram em suas criações uma concepção, ou melhor, uma filosofia da música. Villa-Lobos, com seu amor pelo país, buscou fundar uma estética brasileira estruturada na música de Bach e por isso conhecida como “bachiana”, herdada pelas gerações posteriores. (*Op. cit.*:175).

Na citação desses grandes mestres, abro um parêntesis para acrescentar que a *sonoridade* musical não é exclusividade dos seres humanos com o sentido da audição preservado. O grande Beethoven compôs e apresentou a majestosa *Nona Sinfonia* completamente surdo! Fica claro, portanto, que o nosso cérebro é palco, também, de grandes criações e representações musicais, secretamente executadas no mais íntimo de nossas almas. Outro ponto a ser destacado é que a imensa maioria das músicas é performada com o recheio de um conteúdo poético que se encaixa, como vestimenta sob medida, naquela cadeia de sons lançados ao espaço. A própria *Nona Sinfonia*, citada acima, contém, no seu final grandioso, a *Ode à Alegria* do não menos famoso Schiller, fazendo-nos estremecer de emoção todas as vezes que a escutamos. A apresentação de uma grande cantora como Maria Bethania, (para fugirmos um pouco do clássico), nos encanta quando interpreta, por exemplo, *Romaria* do compositor brasileiro Renato Teixeira.

Sem dúvida alguma, a *performance* de um talentoso músico é simplesmente notável. Como cantor, compositor, instrumentista ou maestro, ele domina uma “língua” diferenciada daquela que encontramos na leitura de livros e revistas. A música está codificada, como já dissemos em linhas acima, num sistema de símbolos universais próprios, que dão vida às partituras. Para o músico, a leitura de partituras é algo que se incorpora à sua estrutura cognitiva e que, ainda que não esteja tocando algum instrumento ou cantando, a sua simples leitura em silêncio já o faz ouvir internamente a *sonoridade* da melodia composta.

Fato é que a fascinante apresentação de quem domina um determinado instrumento musical é o que se poderia denominar de uma vivência *zen*, numa alusão à filosofia Zen-Budista. A concentração é fundamental para uma interpretação esmerada. Daí o silêncio da plateia ser tão relevante. O domínio da linguagem musical específica exigiu dele um longo estudo e uma prática contínua para a busca da perfeição. Acredito que o instrumentista pode ter o privilégio de vivenciar, sob o

domínio de um estado de êxtase espiritual, uma real experiência mística durante a execução de determinadas obras-primas consagradas pela humanidade. Evocam-se, novamente, as palavras do maestro e brilhante pianista Daniel Barenboim, para a conclusão deste item:

O músico que produz um som o traz, literalmente, ao mundo físico. E, a menos que ele forneça mais energia, o som silenciará. Cada nota tem seu próprio tempo de vida – ela é finita. A terminologia é clara: a nota morre. E aqui podemos ter a primeira indicação precisa sobre o conteúdo da música: o desvanecimento do som por sua transformação em silêncio é a própria definição dos limites de espaço e tempo”. (Barenboim 2009:14)

4. Conclusão: acordes finais de Fernando Pessoa

E concluímos o texto com citações do maior poeta de nossa língua, Fernando Pessoa, como se fossem os *acordes finais* deste singelo estudo. (Pessoa 2015: n. 310, p. 298): *“Minha alma é uma orquestra oculta, não sei que instrumentos tangem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim. Só me conheço como sinfonia”*.

E o poeta narra uma cena de rua pondo em destaque a música produzida pelo cantor e o “mistério” que envolve a sua apresentação em público:

Cantava, em uma voz muito suave, uma canção de país longínquo. A música tornava familiares as palavras incógnitas. Parecia o fado para a alma, mas não tinha com ele semelhança alguma.

A canção dizia, pelas palavras veladas e a melodia humana, coisas que estão na alma de todos e que ninguém conhece. Ele cantava numa espécie de sonolência, ignorando com o olhar os ouvintes, num pequeno êxtase de rua. O povo reunido ouvia-o sem grande motejo visível. A canção era de toda a gente, e as palavras falavam às vezes conosco, segredo oriental de qualquer raça perdida. (*Op. cit.*: n.408, p. 374)

Referências Bibliográficas:

BALBONI, André. *Sopro das Musas. Fundamentos filosóficos da música*. São Paulo: Odysseus Editora Ltda., 2018.

BARENBOIM, Daniel. *A música desperta o tempo*. São Paulo: Martins Fontes. Trad. do inglês Eni Rodrigues, 2009.

CAIN, Susan. *O lado doce da melancolia. Bittersweet*. Rio de Janeiro: BMT Editores. Trad. do inglês Heci Regina Candiani, 2022.

HAN, Byung-Chul. *O desaparecimento dos rituais. Uma topologia do presente*. Petrópolis: Editora Vozes. Trad. do alemão Gabriel Salvi Philipson, 2021.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. 2ª ed. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015.

SANTO AGOSTINHO. *Sobre a música*. 1ª ed. Campinas: Ecclesiae. Trad. Felipe Lesage, 2019.

TOMÁS, Lia. *Música e Filosofia. Estética musical*. São Paulo: Irmãos Vitale Editores Ltda., 2005.